

autora obteve várias justificações relativamente às questões iniciais que orientaram o seu estudo. Frequentemente, os sujeitos alegaram 'não terem tempo para ir ao médico, terem outros afazeres, não poderem abandonar o trabalho, nem mesmo cumprir o calendário vacinal' (p.74; itálico original). Este tipo de respostas surgiu sobretudo em utentes situados na classe social IV e V da Escala de Graffar - a escala é constituída por 5 itens de onde se obtêm 5 classes, sendo as famílias com menor classificação as que pertencem à classe social mais elevada. Estas afirmações vêm ao encontro do modelo de saúde de Grossman - as pessoas de menores rendimentos económicos não terão oportunidade de satisfazer de forma cabal as necessidades do corpo - um modelo baseado numa perspectiva económica de saúde e doença. Nomeadamente, os desfavorecidos são os que mais rapidamente esgotam o seu capital de saúde e os que demonstram maior receio em ficar dependentes dos outros ou reduzidos à inactividade.

As conclusões deste estudo destacam, fundamentalmente, as diferenças no conjunto de conhecimentos relativos à saúde das pessoas ou 'cultura médica' (p.117). O que determina a cultura médica são, no entender de Susana Duarte, as 'experiências prévias das pessoas, a sua curiosidade, a forma como se abrem ao mundo e às questões, a atenção que dão ao que lhes é transmitido, os hábitos de leitura sobre assuntos relacionados com a saúde, a proveniência (urbana ou rural), a classe social a que pertencem, a idade, o sexo, o seu estado de saúde, assim como as representações do papel dos profissionais de saúde, do corpo, da saúde e da doença e do papel de doente' (p.117).

As razões mais evocadas pelos entrevistados para terem procurado o médico são a repercussão que o seu estado de saúde poderá ter na actividade laboral; a necessidade de prevenção principalmente nos jovens; a velhice observada como forma de doença, embora 'esta concepção seja particular dos indivíduos do sexo feminino e de classe social mais elevada' (p.118). Para enfatizar a importância dos factores sociais na saúde e na doença, a autora termina a o livro com uma citação de Castell e Uribe, afirmando que 'cada sociedade carrega de significado as suas patologias, atribui-lhes valores, metáforas, que passadas pela experiência física e psíquica de cada pessoa, convertem o adoecer numa experiência

única, claramente individualizada mas só possível na perspectiva dos valores sociais compartilhados' (p.121; itálico original).

Ilda Cardoso

Instituto Superior Miguel Torga

Maria Arminda Costa. 2002. *Cuidar de Idosos: Formação, Práticas e Competências dos Enfermeiros*. Co-edição Formasau (Coimbra) e Educa (Lisboa). 327pp. ISBN: 972-8485-24-7.

A origem deste livro é uma dissertação de doutoramento, submetida a discussão pública em Setembro de 2000, na Faculdade de Psicologia e Ciência da Educação da Universidade de Lisboa, e 'pretende constituir-se como contributo para conceptualizar a problemática da formação em enfermagem, na área especializada da geriatria (enfermagem geriátrica), procurando encarar a problemática numa perspectiva interdisciplinar, cruzando diversos modos de olhar para a realidade' (p. 17).

A autora argumenta que saber cuidar e intervir junto da população idosa é um imperativo global da saúde e da formação, o que justifica a emergência deste campo de reflexão, do papel e das práticas dos profissionais no terreno, face ao acentuado envelhecimento da população e às novas concepções e modos de actuação acerca da população idosa. Na verdade, este livro desloca o processo de produção de cuidados geriátricos para o campo social, num duplo objectivo: dotar os profissionais de novos instrumentos e permitir às instituições retirar novos dividendos das capacidades de trabalho.

Em termos metodológicos, a autora opta por um estudo participatório que privilegia o contacto directo do investigador com a situação e o contexto sócio-profissional. Desta forma, a autora apresenta o investigador como o principal agente da recolha da informação empírica e o contexto organizacional como a principal unidade de análise. Assim, a opção, em termos analíticos, é pela metodologia qualitativa, enfatizando a proximidade do investigador com o contexto investigado, a diversificação e flexibilidade de estratégias na recolha de dados e a perspectiva holística.

Outro aspecto importante do trabalho de Arminda Costa é a importância atribuída ao

pensamentos e práticas dos idosos, juntando, assim, às dimensões da pessoa (biográfica), do contexto (organização do trabalho) e da profissão (identitária) uma quarta dimensão: o utilizador de cuidados. Este é o aspecto inovador deste trabalho científico, sobre o qual pouca investigação tem sido produzida. A pesquisadora, enfermeira e docente, faz parte de uma geração de profissionais que, na sua dupla condição, produzem trabalho de pesquisa motivado pelos programas de qualificação e progressão na carreira docente. De facto, os resultados de investigação realizada têm a dupla potencialidade de poderem ser reinvestidos tanto ao nível das práticas profissionais e políticas de saúde, como da formação. Neste livro, estas potencialidades são enfatizadas num conjunto de recomendações finais que salientam a necessidade de convivência e solidariedade entre as gerações e educar os cidadãos para estratégias de revalorização social dos idosos através de um compromisso social com os mais novos. A autora faz, por outro lado, uma análise crítica da sua profissão, referindo que o conhecimento escolar se distancia do universo profissional e, assim, 'urge que seja repensada a sua interligação aos contextos de trabalho como fonte real de um conhecimento que OS LIVROS NÃO TRAZEM, OS PROFESSORES NÃO DIZEM E OS ENFERMEIROS NÃO INVESTIGAM' (p.228; letra maiúscula no original).

O paralelo com as outras profissões que, face ao contexto tenham que manter a sua dupla função de profissionais e docentes, é marcante e, na leitura deste livro, revêem-se outras profissões além da enfermagem, em particular, o serviço social e as ciências da saúde como radiologia, cardiopneumologia, análises clínicas e saúde pública, fisioterapia, farmácia, etc. Na verdade, a autora defende que o conhecimento prático também deve ser visto como produção, uma vez que resulta de processos de reflexão, deliberação, ética e legitimidade. Assim, o perigo do conhecimento prático ser interpretado numa perspectiva praticista com implicações pedagógicas sérias é ultrapassado, se o inserirmos numa perspectiva de investigação/acção, recusando noções de que a racionalização da acção depende apenas do conhecimento técnico e sua aplicação prescritiva. Esta proposta de reflexão na acção tinha sido já considerada uma modalidade idónea nos estu-

dos para a formação de professores como profissionais reflexivos (Clark e Peterson 1986; Zeichner 1993; Nóvoa 1993; Pérez Gomez 1988). Este trabalho, mais do que uma perspectiva geriátrica do cuidar, traz novamente a necessidade de uma reconceptualização da formação que vale a pena inscrever na profissão de enfermagem e em qualquer outra profissão que se insira numa vertente humana da relação. É, sem dúvida, um trabalho que transcende os limites da enfermagem. Os paradigmas, o rigor e a clareza da linguagem torna-o acessível a um público largo que compreende decisores, investigadores, estudantes, e profissionais das áreas da saúde e da docência.

Margarida Pocinho

Instituto Superior Miguel Torga

Eric Albert e Jean- Luc Emery. 2002. O Gestor é um Psi (Psicólogo, Psiquiatra, Psicanalista). Tradução de Manuela Manta. Título original: Le Manager est un Psy. Paris. Éditions d'Organisation. 1998. Lisboa: Bertrand Editora. 225 pp. ISBN 972-25-1219-6.

O projecto deste livro é o resultado da actividade de Eric Albert e Jean- Luc Emery, médicos psiquiatras, especialistas em ansiedade e consultores de empresas do Institut Français de L'Anxiété et du Stress que, simultaneamente, exercem clínica e intervêm em empresas sobre comportamentos de gestão. As experiências profissionais dos autores têm permitido acompanhar não só a actividade de gestores em várias empresas, como também as suas interrogações sobre a forma mais adequada de actuar com os diferentes interlocutores.

Sendo um dado adquirido que, nos últimos anos, as exigências das empresas têm aumentado para com os gestores – cujas expectativas passaram das suas competências técnicas em gerir equipas para se orientar no sentido dos traços de personalidade – os autores vêem nesta revolução que os gestores utilizam directamente o que os psis poderiam transmitir-lhe da sua experiência e que a actividade de ambos está muito próxima, mesmo quando a sua utilização é diferente. Assim, nesta nova prática que as empresas vivem, a compreensão e a boa gestão da relação humana constituem um dos critérios es-